



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA

Confusão na Área

Uma pesquisa sobre como a editoria de esportes do Jornal de Brasília aborda a violência nos estádios de futebol

Carolina Meneses de Souza Silva
2036338/8

Brasília, Maio de 2007

Carolina Meneses de Souza Silva

Confusão na Área

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília

Prof. . Luiz Cláudio Ferreira

Brasília, Maio de 2007

Carolina Meneses de Souza Silva

Confusão na Área

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília

Banca Examinadora

Prof. Luiz Cláudio Ferreira
Orientador

Prof. Marcelo Moura
Examinador

Prof. Severino Francisco
Examinador

Dedicatória

A meus pais,
orientadores sempre.

Agradecimentos

Em primeiro lugar aos meus pais, que não somente bancaram o sonho de fazer Jornalismo, como passaram noites em claro junto comigo, mesmo sem muitas vezes entender os inúmeros trabalhos que eu fazia e apoiaram cada projeto revolucionário que eu inventei ao longo desses vinte quatro anos de vida, e às minhas irmãs pela presença e compreensão.

Ao meu orientador e amigo, professor Luiz Cláudio Ferreira, pela inestimável ajuda não apenas com a monografia, desde que o “descobri” em Anápolis.

Ao professor Manoel Henrique Tavares Moreira, por ter sido bem mais que um professor e coordenador de curso. Foi um verdadeiro pai para mim dentro do UniCEUB.

Ao professor Rogério Diniz Junqueira, grande mestre que me ensinou e incentivou em um momento crucial da minha vida. Se não fossem suas aulas, talvez eu não tivesse o mesmo senso crítico de hoje.

Aos professores Manoel Dourado, Paulo Paniago e Sérgio Euclides por todas as discussões em sala de aula e fora dela.

À professora Ana Gabriela Guerreiro, grande incentivadora desse trabalho de conclusão.

Ao professor e amigo Marcelo Moura pelas valiosas lições aprendidas dentro e fora do UniCEUB.

Ao professor Severino Francisco por nos mostrar que mais que técnica, cultura é fundamental.

À professora Maria Gláucia Magalhães, pois com ela aprendi que existem diferentes profissionais de comunicação e qual desses profissionais que eu quero ser.

A todos os funcionários do curso de Comunicação Social, em especial ao Jackson, Rafael, Cristiano, Cláudio e Fabiano pela ajuda imensurável durante os quatro anos de curso.

A minha amiga Alessandra Kemper, verdadeira orientadora na minha vida.

A todos que mais que colegas de curso, foram amigos, pelos nossos intensos quatro anos. Cada momento com vocês estará eternamente na lembrança. Agradecimento especial a Amanda Souza e Cecilia Coelho.

Aos amigos e padrinho que deram apoio, suporte, confiança, carinho e segurança durante a minha jornada. Vocês são poucos, mas essenciais.

“É dia de festa
Tem jogo de bola
Estádios lotados,
todos enfeitados.
O palco está pronto,
começa a batalha.
É futebol!”

Banda Artemísia – Morte Futebol Clube

RESUMO

Este trabalho mostra uma análise do caderno “Torcida” do Jornal de Brasília para investigar como as matérias sobre a violência nos estádios ocupa cada vez mais espaço na editoria de esportes. Pelo que foi apurado, a mídia sensacionaliza a violência nos estádios, uma vez que ela propaga os conflitos e crimes ocorridos envolvendo as partidas de futebol. A análise ocorreu ao longo dos meses de fevereiro e março de 2007, com o intuito de verificar a ênfase dada a matérias sobre violência relacionada aos esportes em detrimento das matérias de conteúdo exclusivamente esportivo. O objetivo é averiguar se, nesses casos, a imprensa exerce realmente papel negativo em cima do público em geral ou não. Primeiro é feita uma revisão histórica sobre futebol, jornalismo e violência e, logo após, a análise do caderno pelo período de dois meses. As matérias foram impressas, de forma a medir a área ocupada com texto e fotos e foram utilizados gráficos comparativos. Os resultados apontam que não se pode afirmar que a mídia é culpada pela violência no futebol, visto que os números obtidos sugerem que a incidência desse tipo de matéria é muito pequena se comparada com o total apresentado.

Palavras-chave: jornalismo esportivo, futebol, violência.

ABSTRACT

This work shows an analysis of the section Torcida, from the newspaper Jornal de Brasília, in order to investigate if the media really emphasizes violence in stadiums, since it spreads conflicts and crimes related to soccer matches. Analysis took place during February and March 2007, aiming to verify the emphasis given to articles about sports-related violence in detriment of articles strictly about sports. The point is to find out whether, in these cases, press actually performs a negative role on its public. At first, a historic review of soccer, journalism and violence is made and, after that, the actual analysis of the section during two months takes place. Articles were print in order to allow area measurements, both textual and graphical, and comparative graphics were used. Results suggest that one can't say for sure that media is guilty for soccer-related violence cases, given that data indicates that the incidence of this kind of article is very little in comparison to the total amount of articles displayed in the newspaper.

Key words: sports journalism, soccer, violence.

Lista de Ilustrações

Figura 1. Local de ocorrência das matérias.	26
Figura 2. Matérias com foto e sem foto.	27
Figura 3. Tipos de fatos violentos e sua frequência.	28
Figura 4. Reportagens normais e com violência.	29
Figura 5. Reportagens normais e com violência.	29
Figura 6. Espaço físico, em cm ² , ocupado pelas matérias referentes a violência.....	30
Figura 7. Reportagens normais e com violência.	31

Sumário

1 Introdução	12
2 Futebol, violência e mídia.....	14
2.1 Breve histórico do futebol.....	14
2.2 O futebol no Brasil.....	15
2.3 O jornalismo esportivo no Brasil.....	17
2.4 Violência e futebol.....	19
2.5 A violência na editoria esportiva.....	21
3 Método	23
3.1 Problema, hipótese e objetivos	23
3.2 Objeto de análise	23
3.3 Análise	24
4 Resultados e discussão	25
5 Conclusão	32
6 Referências	34
Anexos	36
Matérias analisadas	36

1 Introdução

O futebol no Brasil arrasta multidões para os estádios e gera grande audiência para emissoras de TV e rádio. Por 90 minutos, diz o senso comum, o brasileiro consegue esquecer o que é desemprego, falta de dinheiro, corrupção e quase todas as mazelas sociais, apenas para ver o time do coração marcar um gol contra o time adversário.

Entretanto, a paixão tem sido ameaçada por um problema que estampa as manchetes do caderno de esportes. Violência. Junto com os grandes espetáculos futebolísticos, os torcedores têm acompanhado de perto e nos noticiários, não somente dribles e passes, mas um excesso de violência, como vai se verificar pela amostragem dessa pesquisa. Verdadeiras guerras civis travadas entre jogadores, arbitragem e torcedores. Alguns estádios de futebol chegam a se assemelhar às arenas romanas.

Saques, agressões físicas e até mesmo assassinatos se tornaram uma realidade cada vez mais comum dentro e fora dos campos, apenas por discórdias em relação ao futebol.

Essa nova realidade está afetando inclusive a mídia brasileira. As editorias esportivas não se atêm em mostrar apenas os lances mais emocionantes e feitos inesquecíveis dos ídolos da bola. As páginas de jornal e imagens televisivas ilustram um lado que em nada se relaciona com os resultados das competições. Dividem espaço com as estatísticas de classificação e saldo de gols morte de torcedores, ônibus depredados por torcidas rivais, agressão à arbitragem e jogadores, entre outras tristes manchetes, que não deveriam fazer parte de questões esportivas.

A proposta inicial do trabalho era a de fazer um estudo da relevância do futebol em detrimento dos outros esportes, chamados de amadores. Saber por que havia essa “preferência”, ainda mais em ano de Jogos Pan-americanos no Brasil. Contudo, as leituras iniciais sobre a temática tratavam sempre do assunto violência esportiva, em especial no futebol e colocavam como grande culpada por isso a mídia. Devido a essa constatação de dois autores em especial, Manoel José Gomes Turbino e Heloisa Helena Baldy dos Reis surgiu a idéia de questionar essas afirmações e ver realmente se a mídia sensacionaliza a violência nos estádios, uma vez que ela propaga os conflitos e crimes ocorridos envolvendo as partidas de futebol, o que, de acordo com ambos os autores, seria o fator relevante para o aumento da criminalidade no espaço esportivo.

O presente trabalho pretende analisar essa mudança de foco da editoria esportiva, uma vez que matérias sobre o assunto deveriam figurar nas editorias policial ou de cidades. O artigo de análise será o caderno “Torcida” do veículo impresso “Jornal de Brasília” ao longo dos meses de fevereiro e março de 2007, com o intuito de verificar a ênfase dada a matérias sobre violência relacionada aos esportes em detrimento das matérias de conteúdo exclusivamente esportivo. O objetivo é averiguar se, nesses casos, a imprensa exerce realmente papel negativo em cima do público em geral ou não.

2 Futebol, violência e mídia

2.1 Breve histórico do futebol

Não se pode afirmar com precisão em que país se deu origem o futebol. Várias antigas culturas, como mesopotâmios, egípcios, chineses, maias, romanos e gregos apresentaram versões de esportes praticados que muito se assemelham ao futebol praticado hoje.

Entre os historiadores há uma divergência de opinião se o esporte teria aparecido mais ou menos nos moldes atuais na França ou na Inglaterra, mas o primeiro registro sobre o futebol é o livro *DESCRIPTIO NOBILISSIMAE CIVITATIS LONDINAE*, de William Fitzstephen, escrito em 1175. A obra fala de um jogo que ocorria durante a *Schrovetide* (espécie de Terça-feira Gorda), em que habitantes de várias cidades inglesas saíam às ruas chutando uma bola de couro para comemorar a expulsão dos dinamarqueses. A bola simbolizava a cabeça de um invasor.¹

No início, o futebol inglês era marcado por ser um jogo extremamente violento. Era considerado comum os jogadores saírem com roupas rasgadas e hematomas pelo corpo. Por essa razão, no ano de 1700, o futebol ficou proibido em toda a Inglaterra até que suas regras fossem reformuladas e já em 1710 grandes escolas inglesas adotaram o esporte como atividade física, fazendo com que o futebol se popularizasse entre os jovens da classe aristocrática, substituindo assim esportes como arco e flecha e esgrima.

¹ <<http://www.museudosportes.com.br/noticia.php?id=1362>> Acesso em 15 de maio de 2007.

Oficialmente, as regras do futebol foram estabelecidas em 01 de dezembro de 1863 pela universidade de Cambridge e aprovadas previamente pelas demais universidades e clubes. Ao longo do século, várias novas regras foram surgindo e, em 1938, todo o texto foi revisto e modificado praticamente nos mesmos moldes de hoje, já que poucas alterações foram feitas desde então.

2.2 O futebol no Brasil

Trazido no ano de 1884 pelo brasileiro filho de ingleses, Charles Miller, passou por dois períodos distintos antes de ser visto como o esporte popular que é hoje (CALDAS, 1988).

O futebol começou no Brasil como um esporte elitista e somente quem praticava eram os ingleses e a alta sociedade paulista e carioca. O material utilizado era todo importado, o que dificultava ainda mais o acesso à camada mais pobre da população.

A elitização do futebol teve seu declínio nas décadas de 20 e 30, quando houve a profissionalização do esporte. De acordo com Caldas (*op. cit.*), o ano de 1933 foi marco para o futebol brasileiro, o que o autor chama de “segunda fase do futebol”. Para ele, o clube realmente responsável por essa democratização foi o Bangu, existente até hoje. Começou como um time de técnicos ingleses de uma fábrica de tecido, que por falta de jogadores tiveram que convocar os brasileiros operários para compor a equipe. Assim, o Bangu foi à época o time menos elitizado do Rio de Janeiro. Caldas (*op. cit.*) relata em seu livro o caso do Clube de Regatas Vasco da Gama, que em 1923 colocou negros e pobres na composição do time e ainda ganhou o campeonato carioca. M. Filho (2003) fala sobre o preconceito nos times de futebol,

citando inclusive o caso de um jogador negro do Fluminense que tinha que se maquiar nos jogos para não ser reconhecido, o que gerou ao time o apelido de pó de arroz, popular até hoje.

Surgiu então a necessidade de melhorar a qualidade técnica dos times de futebol. Os grandes clubes precisam esquecer o preconceito e contratar jogadores, não pela cor e situação econômica, mas pelo desempenho futebolístico. O esporte se popularizou ainda mais, com a presença de todas as camadas sociais nos estádios para acompanhar as partidas (M. FILHO, 2003).

Começou também a exploração dos clubes brasileiros, que pagavam salários de fome aos jogadores que mal tinham condições de se sustentar. A situação era quase de marginalidade para os jogadores de futebol da época, que na esperança de melhores condições de vida começaram a aceitar propostas de clubes estrangeiros e deixar o Brasil, a exemplo do que acontece atualmente (M. FILHO, *op. cit.*).

Com a profissionalização, em 23 de janeiro de 1933 (MÁXIMO, 1999), o futebol deslanchou por inteiro no país. Novos craques da bola apareceram e se mantiveram no Brasil devido aos investimentos dos grandes clubes. Vieram as primeiras conquistas e derrotas em Copas do Mundo. De acordo com Máximo (*op. cit.*), a partir de 1938 a seleção brasileira se tornou um “termômetro da nação”. Se o país ia bem na Copa, ia bem em tudo. Fato que explicaria a comoção nacional com a derrota para o Uruguai na Copa do Mundo de 1950, no estádio do Maracanã, recém-construído. O Brasil então se recuperou e vieram as conquistas dos campeonatos em 1958, 1962 e a coroação do futebol brasileiro com a conquista do tricampeonato e a posse definitiva da taça Jules Rimet na Copa do Mundo de 1970, auge do período

militar. O Brasil cantava “A taça do mundo é nossa, com brasileiro não há quem possa” e por alguns momentos pôde se esquecer das restrições impostas pelo AI-5.

Nelson Rodrigues gostava de chamar o Brasil de “A pátria de chuteiras”, tal era o amor demonstrado pelo torcedor brasileiro à seleção e aos seus jogadores. Se já havia um respeito aos craques da bola, agora existia idolatria. Nomes como Pelé, Garrincha, Tostão, Rivelino, Dadá Maravilha, Sócrates, Roberto Dinamite, Zico e mais recentemente Bebeto, entre outros, se tornaram figuras reconhecidas pela sociedade, Pelé ganhando inclusive o título de rei do futebol. Essa idolatria não acabou e ainda hoje nomes como Romário, Túlio, Zetti, Raí, Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho, Kaká, entre muitos outros, são vistos como grandes figuras públicas e geram grande admiração por parte dos torcedores e lucros por parte dos patrocinadores.

Em 1994, após um período de 24 anos sem títulos na Copa do Mundo, o Brasil conquistou o tetracampeonato e em 2002 o pentacampeonato, sendo atualmente o único país a ter cinco títulos no mundial.

2.3 O jornalismo esportivo no Brasil

De acordo com Fonseca (1997), citado por Gonçalves e Camargo (2005), a cobertura esportiva jornalística brasileira, em especial a futebolística, começou inexpressiva no jornalismo impresso e foi ganhar maior destaque com a valorização do futebol no país.

As pequenas colunas quase escondidas que tratavam do assunto foram crescendo apenas à medida que as pessoas passaram a comentar o esporte praticado por um pequeno grupo de jovens da sociedade. É por isso que a linguagem inicial da imprensa em relação ao futebol traduzia a posição intelectual de praticantes e torcedores (FONSECA, op. cit., citado por GONÇALVES; CAMARGO, op. cit.).

A inicial elitização do esporte no país fez com que houvesse interesse apenas de parte da população brasileira pela cobertura do esporte. Para M. Filho (2003), até 1910, “o futebol não existia para os jornais”. A cobertura esportiva era voltada para esportes mais difundidos, como o remo.

Com a popularização, o espaço destinado ao futebol na mídia brasileira aumentou, ainda que a preferência de pautas fosse apenas para as classes mais altas e o grande destaque fosse o público, em detrimento às partidas. No máximo o que se encontraria nas páginas dos jornais seriam os resultados dos jogos, apenas para eventuais consultas estatísticas (M. FILHO, *op. cit.*).

A década de 30 pode ser considerada o marco do jornalismo esportivo no Brasil. Antes, houve algumas tímidas iniciativas, como a revista Vida Esportiva, em 1916, e o primeiro suplemento esportivo, em 1928, no jornal A Gazeta. A profissionalização do esporte deu abertura à cobertura esportiva brasileira e vários outros jornais também criaram suplementos esportivos. Surgiram também os primeiros periódicos voltados exclusivamente para o esporte (M. FILHO, *op. cit.*).

A primeira transmissão de rádio foi feita durante a Copa do Mundo da França, em 1938, e o jogo transmitido foi Brasil e Polônia, com placar de 6 a 5 para a seleção brasileira. As transmissões televisivas surgiram em 1950, com a primeira reportagem filmada no jogo Portuguesa de Desportos e São Paulo e a partir de então o jornalismo impresso começa a enfrentar concorrência direta com o televisivo (GONÇALVES; CAMARGO, 2005)

Durante o período do Regime Militar², a imprensa como um todo viveu sob forte censura, e enquanto editorias como a política foram praticamente interrompidas, outras como o caso de economia, cultura e esportes passaram por grande desenvolvimento. A editoria esportiva teve inclusive o apoio do governo, que usou o futebol como propaganda quando da conquista do tri-campeonato mundial de futebol e da taça Jules Rimet em 1970. Durante o período militar, os jornais chegaram a dar mais espaço para o noticiário esportivo do que para outras editorias, teoricamente mais relevantes para o brasileiro do que o esporte, como política e economia, as mais propensas à censura, principalmente após a conquista da Copa do Mundo de 1970 (GONÇALVES; CAMARGO, 2005).

2.4 Violência e futebol

Nem sempre futebol e violência foram intrinsecamente associados. Para se entender um pouco o porquê dessa ligação entre ambos, devemos nos remeter às origens da sociologia do esporte. Turbino (2001) afirma que “constitui-se na efetiva dimensão do esporte: a) O esporte-educação; b) O esporte-participação ou esporte popular; c) esporte performance ou esporte de rendimento” .

Esporte-educação é aquele ensinado nas escolas, a aula de educação-física na qual as crianças aprendem a desenvolver o corpo ao longo da vida escolar. É o esporte sendo usado como ferramenta no processo educacional de crianças e jovens.

² O Regime Militar, entre 1964 e 1985, foi o período da política brasileira no qual o governo foi exercido por militares.

O esporte-participação ou popular é o esporte praticado apenas para entretenimento. São as partidas realizadas entre amigos, brincadeiras de rua, sem muitas regras ou definições. Apenas um conjunto de códigos de conduta.

O esporte de rendimento ou performance, do qual trata o presente trabalho, é a chamada profissionalização do esporte. O atleta não apenas deve seguir regras pré-estabelecidas; é visto não apenas como um ser humano, mas como uma máquina de resultados. O esporte performance gera o fenômeno conhecido como competitividade, que atinge não apenas o atleta, mas também a torcida. Não apenas jogar e se exercitar se torna importante, como também vencer.

Voltando ao futebol, a profissionalização desse esporte criou as chamadas torcidas organizadas e começaram a aparecer as primeiras rivalidades e rixas entre os times. A competitividade apenas não é mais importante. Agora é necessário bater recordes. Reis (2006) alega que, entre outros fatores, a culpa da violência nos estádios de futebol, além do citado acima por Turbino (2001), é a importância do esporte na construção da identidade nacional, o que gera a exacerbada adoração pelo “time do coração”. Para a autora, esse tipo de comportamento pode gerar ações potencialmente violentas.

Pimenta (2000) não apenas teoriza o comportamento violento de alguns torcedores como cita trechos de entrevistas concedidas à emissora Bandeirantes.

Ademais, um apontamento possível desses desdobramentos é o esvaziamento da noção do coletivo na formação dos jovens, fator indispensável na compreensão dos novos sujeitos. O aumento dos atos de violência praticados pelo movimento de "torcidas organizadas" tem decorrência no surgimento desses "sujeitos". Estes são, predominantemente, jovens individualizados, do ponto de vista da formação de uma consciência social e coletiva. O diálogo grafado viabiliza melhor o entendimento da argumentação exposta:

"Repórter: - O que você acha dessa violência?"

Torcedor: - (...) a gente tem um cachorro que vai e te morde e você vai ficar parado?"

Os atos de violência perdem a percepção da existência do outro, enquanto pessoa do mesmo grupo social ou mesmo humana:

"Repórter: - Você chegou a bater em alguém?"

Torcedor: - Não sei...

Repórter: - Você se defendeu pelo menos?

Torcedor: - Defendi...

Repórter: - O que você acha disso, você gosta?

Torcedor: - Gosto ... é só para chegar em casa e ter o prazer de tirar um barato com os meus amigos.

Repórter: - Não importa que alguém morra nisso?

Torcedor: - Não sendo amigo meu, tudo bem."

(PIMENTA, 2000, p. 123)

2.5 A violência na editoria esportiva

Não se pode afirmar ao certo quando que a violência ganhou espaço nas páginas de jornal e programas esportivos na TV.

Em sua crônica Conferência Esportiva, Lima Barreto (1993) aborda com ironia a questão da violência e como ela era retratada pelos jornais na década de 20. Também existem registros nos jornais da década de 30 de agressões em campo e revoltas populares, mas não eram considerados muito relevantes para a época. (SOUSA, s.d.). Durante a década de 90, o Brasil vivenciou tristes espetáculos envolvendo as chamadas torcidas organizadas. Mortes de torcedores nas

arquibancadas, verdadeiras praças de guerra nas ruas. Tudo foi devidamente documentado e exibido pela imprensa brasileira.

Essa espetacularização de cenas de violência por parte da mídia é passível de condenação tanto para Turbino (2001) como para Reis (2006). Ambos os autores creditam o comportamento violento, tanto de torcidas como de jogadores, à mídia. Para eles, a imprensa, seja escrita, televisiva ou rádio difusora, promove essa espetacularização da violência, fazendo com que atitudes dessa natureza sejam valorizadas e incentivadas, ainda que subliminarmente. O fato de se divulgar exaustivamente os lamentáveis episódios faz com que esses criminosos em potencial se sintam estimulados a realizar atos de violência.

A imprensa, por sua vez, faz uso do assunto com o argumento de responsabilidade social que lhe é atribuído. É papel do jornalista manter o público sempre bem informado, mesmo diante das circunstâncias.

O fato é que, aparentemente, a editoria esportiva foi tomada por manchetes de caráter exclusivamente policial, muito aquém do conteúdo esportivo para o qual ela foi criada.

3 Método

3.1 Problema, hipótese e objetivos

A questão inicial da pesquisa era abordar a sensacionalização da violência no futebol por parte da mídia.

A hipótese é de que a aparição de tais matérias na editoria esportiva não é fator estimulante de comportamentos violentos como sugeridos pelos autores Turbino (2001) e Reis (2006).

O objetivo geral dessa pesquisa é fazer uma análise da ocorrência de matérias sobre violência relacionadas ao futebol na editoria esportiva do Jornal de Brasília. Os objetivos específicos são analisar a importância que tais matérias recebem na editoria e estimar a influência dessas matérias no comportamento violento associado ao futebol.

3.2 Objeto de análise

As matérias analisadas foram retiradas do veículo impresso Jornal de Brasília, um jornal que tem uma tiragem diária de 25 mil exemplares. Epstein (2002) afirma que, após a escolha das fontes, as amostras podem ser selecionadas por data. Então, o período analisado foi de 1 de fevereiro a 29 de março de 2007. Do veículo, extraiu-se o caderno de esportes conhecido como Torcida, as segundas e quintas-feiras, dias da semana com maior fluxo de informações devido às inúmeras partidas que ocorrem às quartas-feiras e finais de semana (sábados e domingos). O caderno possui dezesseis páginas, em formato tablóide, com tamanho de cerca de 37,5cm x 60cm, sendo que a capa não apresenta matérias.

3.3 Análise

Das edições consideradas, foram analisadas as matérias que tratem de violência relacionada ao futebol. As matérias foram obtidas pela internet no portal do Jornal de Brasília³. Para o cálculo da área, as matérias foram impressas em papel A4. Foram medidas a altura e a largura e, através do produto dessas medidas, obteve-se a área. Para se chegar a uma aproximação do tamanho das matérias no jornal impresso, multiplicou-se a área do texto por 1,5 e a área das imagens por 2. O objetivo do cálculo da área foi verificar a importância dada pelo jornal. Também foi analisada a presença ou não de recursos gráficos e quais as maiores incidências dentre as ocorrências (morte, agressões, entre outros).

³ <<http://www.clicabrasilia.com.br>>

4 Resultados e discussão

Durante o período de análise foram encontradas oito ocorrências de matérias que não deveriam ser inclusas no conteúdo esportivo do caderno, podendo muito bem ocupar as páginas policiais do jornal.

A primeira dessas ocorrências, datada em 5 de fevereiro de 2007, trata sobre a repercussão de uma briga entre torcedores e policiais que resultou na morte de um policial e mais de 70 pessoas feridas após um jogo entre Palermo e Catânia, disputado no Estádio Angelo Massimino, em Catânia, Itália. O foco da notícia era a suspensão do campeonato até a adoção de medidas contra a violência nos estádios, mas a matéria fala dos desdobramentos do caso e que os filhos do policial morto irão receber bolsa de estudos do comitê italiano de futebol, ocupando na página da edição o espaço de 11,25 x 15 cm.

Nessa mesma edição, uma matéria de 27 x 26,25 cm deveria tratar do empate entre o Cruzeiro e o Villa Nova, mas dá destaque maior a briga que aconteceu nas arquibancadas entre torcedores e policiais.

Em 8 de fevereiro, foi publicada uma matéria sobre uma confusão na venda de ingressos para o jogo Cruzeiro e Atlético-MG, que em nada se relacionava com resultados, tabelas ou classificações.

Em 12 de fevereiro, a matéria intitulada “Vergonha no Serejão” fala da partida entre Brasiliense e Ceilândia nos dois últimos dos cinco parágrafos destinados a ela. A foto não ilustra gol algum e sim o desentendimento entre jogadores do Ceilândia e os policiais. Na mesma data saiu uma pequena matéria com o título

“Violência atinge futebol alemão”, mas o conteúdo não era sobre futebol e sim sobre torcedores e policiais que se confrontaram.

No dia 19 de fevereiro saiu uma pequena nota de 6 x 26,25 cm ainda sobre a repercussão do caso da Itália, falando de como a FIFA pode interceder em casos como os de 2 de fevereiro. No mesmo dia foi publicada uma matéria sobre uma briga de bar envolvendo os jogadores do Liverpool, mas os motivos não tiveram origem nos lances futebolísticos: ambos estavam embriagados.

A última matéria de relevância para esse trabalho foi publicada no dia 8 de março, e trata dos desdobramentos de um caso de agressão de um jogador a um árbitro.

Das oito matérias analisadas, quatro são sobre clubes internacionais, três sobre clubes brasileiros e somente uma sobre clubes de Brasília (Figura 1).

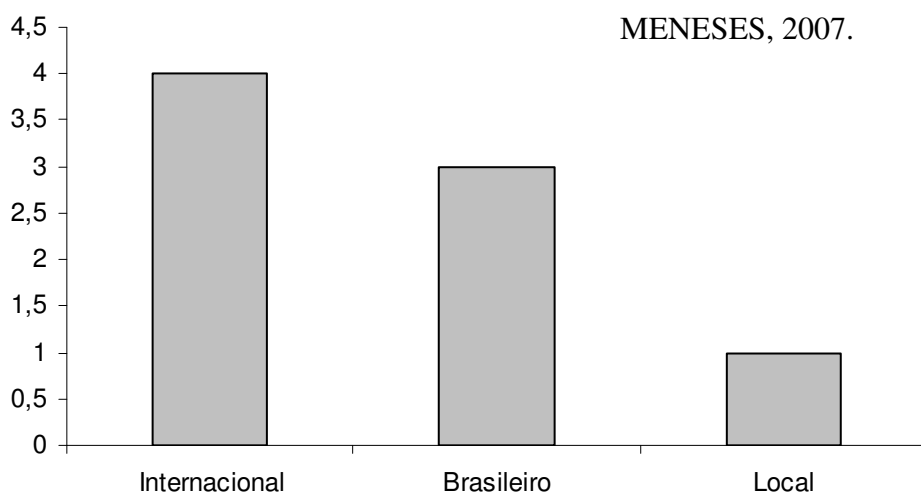


Figura 1. Local de ocorrência das matérias.

É importante perceber que, na maioria das matérias, não apenas o destaque em número de linhas foi dado, como também em recursos gráficos.

Do material apresentado, cinco contêm fotos, um percentual de 62,5% das matérias analisadas (Figura 2).

MENESES, 2007.

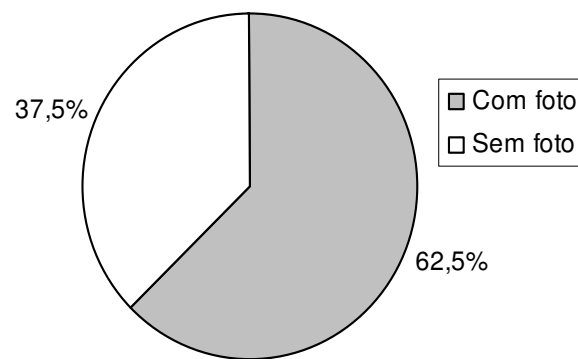
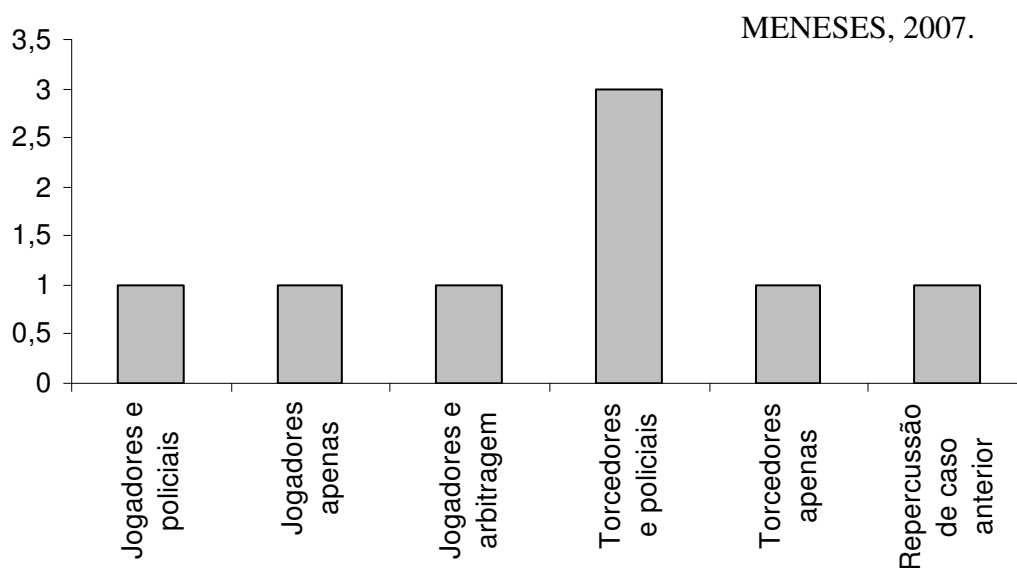


Figura 2. Matérias com foto e sem foto. O universo considerado foi o de matérias sobre violência.

O principal assunto foram agressões entre torcedores e policiais (37,5%). As outras foram embates entre jogadores, policiais e arbitragem. Um dos conflitos gerou a morte de um policial italiano. Nos dois meses contabilizados pelas matérias analisadas, o número de feridos aproxima-se dos 200, entre torcedores, policiais, jogadores e arbitragem (Figura 3).



F

Figura 3. Tipos de fatos violentos e sua freqüência.

O material esportivo encontrado nas matérias analisadas é muito pequeno. O destaque maior foi dado aos embates, em detrimento das partidas. Em duas delas, “Empate Triste” do dia 5 de fevereiro e “Vergonha no Serejão” no dia 12 de fevereiro, além das cenas de pancadaria, o jornal ilustrou a partida e colocou um resumo técnico ao final da matéria. Em quatro delas, nem são citados resultados ou assuntos relativos ao futebol, como no caso da matéria “Jogadores do Liverpool saem no braço em pub inglês”, que trata de uma briga de jogadores embriagados em um bar.

Durante o período de análise, saíram aproximadamente 340 matérias esportivas no caderno Torcida. Em relação a esse universo, as matérias sobre violência representam 2,35% do total (Figura 4). No entanto, considerando o universo como as matérias sobre futebol, ou seja, 204 matérias que representam 60% do espaço físico do caderno, o percentual de matérias que abordam a violência sobe para 3,92% (Figura 5).

MENESES, 2007.

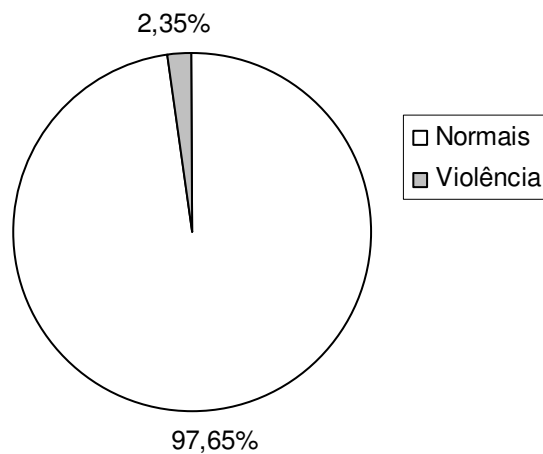


Figura 4. Reportagens normais e com violência. O universo considerado foi a totalidade de matérias veiculadas no período analisado.

MENESES, 2007.

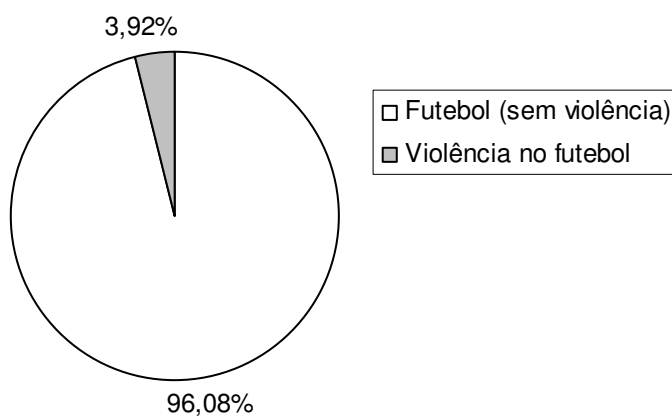


Figura 5. Reportagens normais e com violência. O universo considerado foi a totalidade de matérias sobre futebol veiculadas no período analisado.

Com relação ao cálculo de área, as matérias de mesma data foram agrupadas para uma melhor distribuição no gráfico (Figura 6). Em seguida fez-se o

cálculo aproximado da área total de uma edição do caderno Torcida. Cada página tem o tamanho de 37,5 X 60 cm. Considerou-se como área útil doze páginas das dezesseis que o caderno possui, o que dá um total de 27000cm². Se todo o material analisado fosse agrupado em uma só edição, o assunto violência ocuparia cerca de 8% de espaço físico do Torcida (Figura 7).

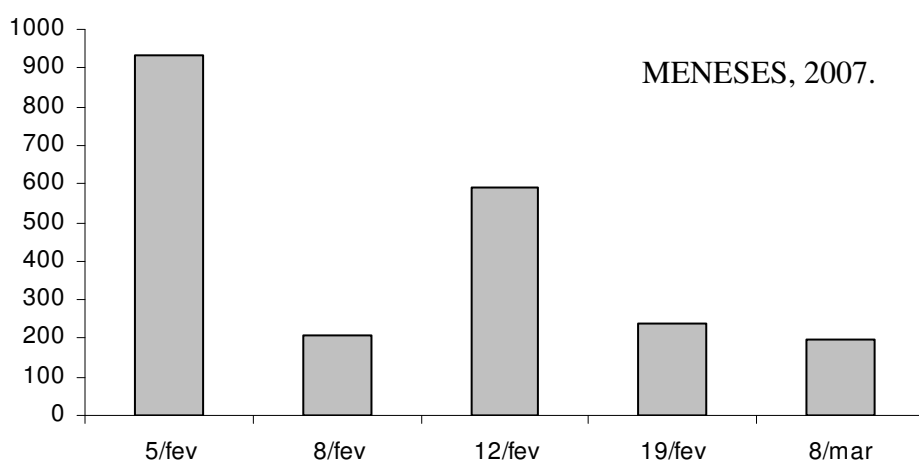


Figura 6. Espaço físico, em cm², ocupado pelas matérias referentes a violência.

MENESES, 2007.

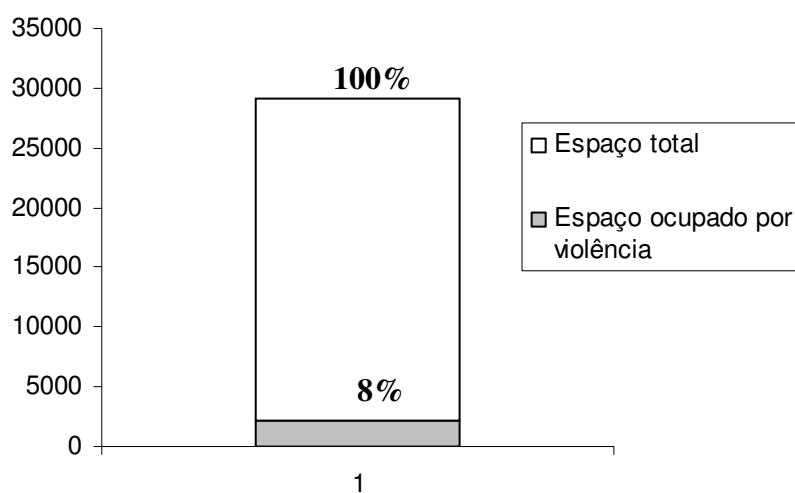


Figura 7. Reportagens normais e com violência. O universo considerado foi a totalidade de matérias sobre futebol veiculadas no período analisado.

5 Conclusão

O futebol é hoje palco de vários episódios de violência. Com os ânimos cada vez mais exaltados, torcedores, jogadores e até mesmo a arbitragem usam, ao invés do diálogo, a agressão física para resolver questões de jogo e rivalidades nas partidas.

Esse trabalho fez com que a pesquisadora visse claramente que a imprensa tem dado destaque a tais atos e busca uma apuração esmerada nesses casos, não apenas na ocorrência em si, mas também nos desdobramentos, como punições e as consequências do fato, verificados, por exemplo, na matéria *Italiano deve parar por 15 dias*.

Tal destaque observado no tempo de estudo (dois meses) do objeto não pode ser considerado suficiente para afirmar que a mídia seria culpada pela violência no futebol, visto que os números registrados nos gráficos sugerem que a incidência desse tipo de matéria é muito pequena se comparada com o total.

Contudo, na visão da pesquisadora, faz-se necessária uma pesquisa mais aprofundada para averiguação da problemática inicial de que a mídia é ou não culpada pela violência no futebol.

Para tal verificação, acredita-se que o período de análise deve ser maior e a pesquisa mais abrangente, talvez se fazendo uso de mais de um veículo de imprensa.

Dessa forma, a pesquisadora pretende fazer desse trabalho o ponto de partida para uma análise mais completa, com o período de duração de no mínimo um ano, na tentativa de conseguir mais subsídios sobre o assunto.

6 Referências

BARRETO, Lima. Conferência Esportiva. *In*: RAMOS, Ricardo (Coord.) **A palavra é ... futebol**. 2. ed. São Paulo: Scipione,. 88 páginas. 1993.

CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial**. 1ª edição. Ibrasa. São Paulo, 234 páginas. 1990.

EPSTEIN, Isaac. Análise de conteúdo. *In*: EPSTEIN, Isaac. **Divulgação Científica**: 96 verbetes. Campinas: Pontes. páginas 15-18. 2002.

FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro : FAPERJ, 4ª.edição 343 páginas, 2003.

FONSECA, O. Esporte e Crônica Esportiva. *In*: TAMBUCCI, P.L. & OLIVEIRA, J.G.M.de & COELHO SOBRINHO, J. (orgs.) **Esporte & Jornalismo**, São Paulo, CEPEUSP, 1997.

GONÇALVES, Michelli Cristina de Andrade; CAMARGO, Vera Regina Toledo. **A memória da imprensa esportiva no Brasil: a história (re) contada através da literatura**¹ - (Trabalho apresentado no NP18 - Comunicação e Esporte durante o XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, RJ, 05 a 09 de setembro de 2005.) <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/18318/1/R1815-2.pdf>> Acesso em 27 de abril de 2007.

MÁXIMO, João. Memórias do futebol brasileiro. **Estudos avançados**. São Paulo volume 13 número 37 Setembro/Dezembro 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141999000300009&lng=en&nrm=iso> Acesso em 27 de abril de 2007.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Violência entre torcidas organizadas de futebol. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v. 14, n. 2, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9795.pdf>>. Pré-publicação. Acesso em: 1 Maio 2007.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e Violência**. Campinas: Autores Associados, 126 páginas. 2006.

SOUSA, Li-Chang Shuen Cristina Silva. **Noticiário Esportivo No Brasil**: uma resenha histórica. Sem data de publicação. Disponível em: <<http://www.ppgcomufpe.com.br/lamina/artigo-li.pdf>> Acesso em 27 de abril de 2007.

TURBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte**. São Paulo: Cortez, 2ª edição. Série: Questões da Nossa Época, 11. 95 páginas. 2001.

Anexos

Anexo A

Matérias analisadas

5 de fevereiro de 2007

FUTEBOL INTERNACIONAL **Italiano deve parar 15 dias**

Dirigentes se reúnem hoje para decidir futuro do futebol no país. Filhos de policial morto receberão bolsas

O Campeonato Italiano pode permanecer por mais 15 dias suspenso e só retornar com os portões fechados. Segundo o jornal La Gazzetta dello Sport, essa é a medida que as autoridades pretendem adotar para acabar com a violência no futebol.

Na última sexta-feira, um policial foi morto, mais de 70 pessoas ficaram feridas e 29 foram presas por causa de uma briga generalizada entre torcedores e policiais após o clássico entre Palermo e Catania, disputado no Estádio Angelo Massimino, em Catânia. O time da casa perdeu por 2 x 1.

O incidente adiou a rodada programada para o último fim de semana. Além disso, cancelou o amistoso que seria disputado entre Itália e Romênia, quarta-feira – para não perder a chance de testar sua seleção, os romenos enfrentarão a equipe da Moldávia.

Entretanto, o técnico italiano Roberto Donadoni não terá a chance de fazer mais um teste com sua equipe visando à disputa das Eliminatórias para a Eurocopa de 2008.

A edição de ontem do Il Corriere della Sera também informou que as autoridades têm como segunda opção realizar jogos com apenas uma torcida, proibindo a entrada dos visitantes. Outra possibilidade é que as partidas de alto risco sejam disputadas pela manhã, antes dos demais jogos.

O Comitê Olímpico Italiano sugeriu ontem que os estádios incapazes de fornecer condições adequadas de segurança sejam proibidos de receber partidas. O comitê também decidiu fornecer uma bolsa de estudos para os filhos de Filippo Raciti, o policial morto na sexta-feira.

As medidas a serem tomadas deverão ser definidas após uma reunião entre autoridades italianas e dirigentes do esporte no país. O encontro está programado para hoje

CAMPEONATO MINEIRO

Empate triste

Com briga nas arquibancadas, Nenê salva a Raposa de derrota

Cenas tristes para o futebol brasileiro. A partida em que o Cruzeiro arrancou o empate com o Villa Nova nos acréscimos, por 2 x 2, ontem, em Nova Lima, foi marcada por muita confusão. Após uma briga na torcida do Cruzeiro, a Polícia Militar entrou com a cavalaria no estádio e chegou a soltar bombas de gás lacrimogênio. Vários torcedores, tanto do Villa quanto da Raposa, chegaram a brigar com os PMs, que revidaram com balas de borracha. Sobrou pancada até para uma mulher, caída no chão. Ainda não há informações sobre o número de torcedores feridos.

Com a vitória da Caldense contra o América, por 2 x 1, agora a Raposa não lidera mais a competição e tem sete pontos, contra nove da equipe de Poços de Caldas. O time de Nova Lima aparece com cinco.

O jogo

No início da partida, os donos da casa foram para cima da equipe do Cruzeiro e saíram na frente logo aos quatro minutos. Danilo foi derrubado na área por Gladstone e Márcio Guerreiro cobrou o pênalti com perfeição: 1 x 0.

Com 20 minutos, a polícia começou a entrar em confronto com torcedores do Cruzeiro. Seis minutos depois, uma bomba de efeito moral foi lançada, paralisando a partida. A confusão nas arquibancadas continuou, mas oito minutos depois o jogo prosseguiu.

No intervalo, torcida e policiais continuaram a se enfrentar. No campo, o ritmo de jogo diminuiu no segundo tempo. Aos 35 minutos, aos trancos e barrancos, o time azul e branco chegou ao empate. Em cobrança de falta, Ricardinho alçou bola na área e o baixinho Gabriel se antecipou a toda defesa alvirrubra para cabecear na primeira trave e vencer o arqueiro Glaysson: 1 x 1.

A alegria cruzeirense, no entanto, durou pouco. Quatro minutos depois, Fábio saiu muito mal em cruzamento, deixando Paulo César para cabecear sozinho, sem ângulo, na pequena área. Já sem goleiro na meta, a bola entrou lentamente para deixar o placar em 2 x 1.

Aos 49 minutos, o estreante Nenê, que havia entrado no lugar do meia Fellype Gabriel, tirou a sorte grande. Após confusão, a bola sobrou para ele na área. O atacante (ex-Santa Cruz) apenas empurrou a bola para as redes da equipe de Nova Lima: 2 x 2. Os donos da casa reclamaram muito com a arbitragem pelo gol marcado nos minutos

finais.

Na próxima rodada, o Cruzeiro joga no sábado e tenta a vitória em clássico complicado contra o Atlético-MG. Em má fase, O Galo amarga a penúltima colocação da competição e precisa desesperadamente vencer. No dia seguinte, o Villa Nova tem pela frente o Democrata de Governador Valadares, fora de casa.

VILLA NOVA 2

Glaysen, Geison, Bill, Carciano e Marcel; André, Emerson, Paulo César e Márcio Guerreiro (Moisés); Danilo (Jackson) e Fabinho (William César)
Técnico: Pirulito

CRUZEIRO 2

Fábio, Gabriel, André Luis, Gladstone e Sandro; Élson (Kerlon), Ricardinho, Fellype Gabriel (Nenê) e Marcinho; Araújo e Rômulo
Técnico: Paulo Autuori

Gols: Márcio Guerreiro, aos 4 min do 1º tempo; Gabriel, 35, Paulo César, aos 39 e Nenê, aos 49 min do 2º tempo
Local: Estádio Castor Cifuentes, em Nova Lima (MG)
Árbitro: Cléver Assunção Gonçalves
Público e renda: não divulgados

8 de fevereiro de 2007

Confusões rondam os cruzeirenses

O Cruzeiro anda numa fase em que tudo gera confusão (foto). Depois dos incidentes no jogo de domingo, contra o Villa Nova, ontem pintou mais bagunça, durante a venda antecipada de ingresso para seu jogo de sábado, contra o Atlético-MG, pelo Estadual. Seus torcedores entraram em choque com atleticanos. Segundo a Polícia Militar, cerca de 80 torcedores dos dois times entraram nas brigas, no centro de Belo Horizonte, sendo que cinco foram detidos. O Cruzeiro lidera, invicto, o Mineiro, com sete pontos, enquanto o Galo é o penúltimo colocado, sem vitória, motivo das gozações. Porém, o veterano apoiador cruzeirense Ricardinho, de 30 anos, não se ilude. "Temos que respeitar o Atlético-MG, pelas suas tradições", adverte. Enquanto isso, o campeão mundial, continental, brasileiro e mineiro, Paulo Autuori, tem um tabu para quebrar no sábado: jamais venceu o Galo, dirigindo o Cruzeiro. Por causa de uma derrota para o rival, em 2000, ele foi demitido. Já o atacante Rômulo está ansioso para disputar seu primeiro duelo contra os alvinegros. Ele leva em conta, como revelou, que jogador que se destaca em clássicos sempre é lembrado pela torcida. "Espero ser feliz nas conclusões", deseja.

12 de fevereiro de 2007

CAMPEONATO BRASILIENSE

Vergonha no Serejão

Jacaré vence o Ceilândia por 3 x 2. Ao final da partida, jogadores do Gato e policiais entram em confronto

Petronilo Oliveira

O bom futebol apresentado por Brasiliense e Ceilândia, principalmente no segundo tempo, foi manchado pela violência. Com o apito final de Mauro Martins, os jogadores do Gato partiram para cima do trio de arbitragem, reclamando da atuação do juiz, após terem perdido por 3 x 2, ontem, no Estádio Serejão.

Sem habilidade para acalmar os ânimos, os policiais tentaram escoltar o árbitro, mas cometeram excessos que deixaram ainda mais revoltados os atletas e a diretoria do Ceilândia. Dentro do vestiário do Gato, os homens da Polícia Militar usaram sprays de pimenta contra os jogadores. O treinador de goleiros, Ronaldo Melo foi detido por desacato a autoridade.

No meio da confusão, o presidente do Gato, Sérgio Lisboa, o Serjão, criticava, aos berros, a atuação da arbitragem. Ele chegou a acusar o gerente de futebol do Brasiliense, Paulo Henrique, de aliciar atletas do Alvinegro que já passaram pelo clube de Taguatinga. "O Paulo Henrique ligou para o Gil Baiano e o Donizeti tentando comprá-los", atacou o dirigente.

O gerente do Brasiliense disse que Serjão estava com os nervos à flor da pele, por isso inventou essa história. "Ele está descontrolado", defendeu-se Paulo Henrique. O jogo

No fraco primeiro tempo, a única boa jogada foi armada pelo Jacaré e originou o gol de Dimba. Rafael Toledo tabelou com Patrick e cruzou para o matador, de letra, tocar para o fundo do gol de Donizeti.

O Gato voltou melhor para o segundo tempo. Bobby fez bonita jogada pela esquerda e bateu cruzado. O goleiro Guto soltou e Berg, de carrinho, empatou o jogo. Aos 21, o Brasiliense voltou a ficar à frente no placar. Rafael Toledo levantou na área e Dimba cabeceou na trave. No rebote, Warley dividiu com o goleiro Donizeti e a bola sobrou para Maia balançar a rede do Alvinegro: 2 x 1. Nove minutos depois, Luiz Fernando deixou tudo igual novamente, após receber passe de Berg. Allan Dellon fez o terceiro, aos 37.

A vitória levou o Jacaré ao segundo lugar na competição, com dez pontos, empatado com o líder Unai. Os mineiros, porém, levam vantagem no saldo de gols (4 x 3). O Gato está em terceiro, com nove pontos.

BRASILIENSE 3

Guto; Patrick, Ailson, Padovani e Rodriguinho; Coquinho, Carlos Alberto (Maia), Rafael Toledo e Allan Dellon; Warley (Jonhes) e Dimba (Ademar)

Técnico: Roberto Fernandes

CEILÂNDIA 2

Donizeti; Nilmar, Gino, Luiz Henrique e Bobby; Didão, Leandro Leite, Pedrinho (Luiz Fernando) e Gil Baiano; Abimael (Berg) e Giovani (Marquinhos)

Técnico: Reinaldo Gueldini

Gols: Dimba, aos 21 min do 1º tempo; Berg, aos 6, Maia, aos 21, Luiz Fernando, aos 30, e Allan Dellon, aos 37 min do 2º tempo

Local: Estádio Serejão, em Taguatinga

Árbitro: Mauro Martins

Público: 2.087 pagantes

Renda: R\$ 11.686

Violência atinge futebol alemão

Um grupo de 800 hooligans alemães, torcedores com características violentas, atacou os policiais responsáveis pela segurança da partida regional entre Lokomotive Leipzig e Erzgebirge Aue II, válida pela Copa da Saxônia. De acordo com as autoridades alemãs, 36 policiais e seis civis ficaram feridos. Torcedores do Leipzig arremessaram pedaços de concreto durante a briga e um policial precisou disparar a sua arma, quando um colega foi atingido por um disparo na perna. Cinco pessoas foram presas e as autoridades continuam investigando vídeos que podem identificar os responsáveis pelos atos de vandalismo.

19 de fevereiro de 2007

Fifa quer punições contra a violência

Depois dos casos de violência no futebol italiano, o presidente da Fifa, Joseph Blatter, declarou ontem que gostaria que fossem aplicadas punições severas aos clubes que tiverem seus torcedores envolvidos em confrontos. Em entrevista ao semanário suíço Sonntagszeitung, o dirigente revelou que a entidade tem plenos poderes para intervir energicamente em tais casos. "O tribunal da Suíça confirmou recentemente que nós podemos retirar pontos, expulsar as equipes dos campeonatos ou rebaixá-las de divisões. Pretendemos aplicar tais punições com mais frequência", garantiu o mandatário, que embora reafirme os poderes da entidade para coibir atos violentos, destacou que esta age de acordo com seus limites.

Jogadores do Liverpool saem no braço em pub inglês

Com 16 pontos de desvantagem para o líder Manchester United no Campeonato Inglês, e eliminado nas duas copas do país, o Liverpool ganhou mais um problema na última sexta-feira, há menos de uma semana antes de iniciar o duelo contra o Barcelona pela Liga dos Campeões: os jogadores Craig Bellamy e John Riise se envolveram numa briga em um bar de karaokê, durante uma intertemporada do time em Portugal. Segundo informação do tablóide inglês News of the World, por volta das 2h da manhã, o galês Bellamy agrediu o norueguês Riise com um taco de golfe depois de ter sido xingado pelo companheiro. Os dois estariam embriagados na ocasião, na companhia de outros 20 jogadores do Liverpool inclusive o capitão Steven Gerrard. O técnico do Liverpool, Rafa Benítez, anunciou ontem que tomará medidas disciplinares. "Conversei com os jogadores e deixei claro a responsabilidade de jogar num clube como este, dentro e fora de campo. Tomaremos medidas disciplinares e sanções cabíveis", afirmou o espanhol, que ainda não informou se os jogadores serão demitidos.

8 de março de 2007

Morais escapa de castigo no TJD

Acusado de dar uma cabeçada no árbitro Luiz Antônio Silva Santos, durante a derrota para o América, em fevereiro, pela Taça Guanabara, o meia Moraes (foto) foi absolvido no julgamento de ontem do Tribunal de Justiça Desportiva (TJD), da Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro. Ele corria o risco de ser suspenso por até 540 dias. Além da defesa feita pelo advogado vascaíno Paulo Rubens, que usou vídeo do jogo, Moraes disse no TJD que não agrediu o árbitro. Livre da punição, o atleta tem escalação garantida na estréia do Vasco na Taça Rio, no domingo, contra o Madureira, em São Januário. Sem Romário, poupado, e com gols dos meias Renato e Abedi, o Vasco venceu o Olaria, por 2 x 0, em jogo-treino na tarde de ontem, em São Januário. A atuação do time foi razoável. Romário só correu em volta do campo, pela manhã, e foi liberado mais cedo para o aniversário de uma filha. Além dele, não jogaram Moraes, que estava sendo julgado, e André Dias, poupado. O time foi Cássio; Wagner Diniz (Thiago Maciel), Fábio Braz, Dudar e Sandro; Roberto Lopes, Amaral (Júnior), Renato e Conca (Abedi). Alessandro (Marcelinho) e Leandro Amaral.